

## **Qual o efeito da escola no português de Salvador?**

### **A contribuição do estigma**

Norma da Silva Lopes  
(UNEB)

#### **Introdução**

Nos estudos de diversos fenômenos linguísticos do português brasileiro, registram-se diferenças significativas entre os usos dos que frequentaram o ensino formal por mais tempo e os dos que têm menos escolarização. Faz parte do conhecimento comum que a escola promove ‘melhor’ uso do português e que, por outro lado, os não escolarizados não sabem usar essa língua.

Diante das avaliações que se fazem, hoje, da educação como um organismo que não tem atingido integralmente seu papel, vale refletir sobre o efeito dessa instituição na fala das pessoas que se expuseram mais ou menos à repressão normativa da escola. Este texto objetiva discutir o efeito do trabalho escolar sobre os usos linguísticos variáveis, fazendo a observação de resultados de pesquisas que fazem a comparação entre os mais e os menos escolarizados e ao mesmo tempo fazer uma análise sobre os objetivos a que a escola se propõe no trato com diversos fenômenos linguísticos variáveis no português brasileiro.

Ao lado das diferenças na escolha de variantes de fenômenos diversos que fazem os falantes mais e os menos escolarizados, pode-se perceber que em relação a alguns aspectos da língua a escola parece não interferir. Neste texto, discute-se a respeito da contribuição do estigma no efeito do ensino formal da língua.

Defende-se, neste texto, que o estigma social que as variantes sofrem concorre grandemente para que o efeito da escolarização seja mais ou menos garantido pela atuação dessa instituição. Aquelas variantes mais estigmatizadas são priorizadas pelo trabalho dos professores, que têm como papel preservar a forma padrão, ampliando a competência linguística do falante, capacitando-o a utilizar

formas mais prestigiadas. Ou seja, a escola tenta impedir a generalização da variante desvalorizada, mas concorrente na língua. Quando a variação/mudança envolve um traço não estigmatizado, comumente não é alvo da escola, por vezes nem é percebido pelos professores e, assim, não sofre o efeito da pressão escolar.

Pelo que se apresenta, quando há, entre os grupos, uma diferença grande nos usos linguísticos relativos a fenômenos variáveis, isso pode indicar que os menos escolarizados usem a(s) variante(s) estigmatizada(s). Nesse caso, presume-se que, se a escola focar suas atividades no combate a essas variantes, os mais escolarizados tenderão a não as utilizarem e preferirem formas apresentadas como as únicas a serem utilizadas; enquanto isso, os menos escolarizados continuam usando as referidas variantes. Daí a diferença entre a variedade linguística entre esses grupos de falantes, no que diz respeito à variação que envolve estigma, continuar preservada.

Tem-se que levar em conta também que, a depender da origem social dos professores, o estigma nem sempre é percebido, pois, muitas vezes, eles são de classes mais populares e o seu vernáculo é semelhante ao dos alunos, o que dificulta a definição do trabalho a ser implementado. A sua fala em sala de aula nem sempre é exemplo da variedade que se espera da sua função. O aluno, assim, perde a chance de contato com a variedade oral valorizada da língua, através da fala do professor, e o trabalho da escolarização, no que diz respeito ao contato com a variedade valorizada, nesses casos, se reduz aos textos escritos.

O presente texto, na seção 1, trata do que se sabe sobre a atuação da escola sobre os usos linguísticos; na Seção 2, discute-se o conceito de estigma e analisa-se a interferência do estigma no ensino; em seguida, na seção 3, faz-se um panorama sobre estudos da variação linguística em Salvador, considerando a variável escolarização como variável explanatória; na seção 4, são feitas algumas considerações sobre os achados no trabalho feito; e, finalmente, são feitas algumas considerações finais e apresentadas as referências.

## **1 Efeitos da escolarização sobre os usos linguísticos**

Silva e Paiva (1996) falam de três tendências básicas de efeito da escolarização em relação à substituição da forma não padrão pela forma padrão:

- a) Podem ocorrer casos em que os falantes entram na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão, mas a escola “poda” a variante não padrão (...);
- b) em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante sua escolarização sem que desapareça, porém, a variante não-padrão (...);

- c) finalmente, uma terceira modalidade ocorre quando os falantes entram na escola apenas com a variante que se considera não padrão, mas, paulatinamente, substituem essa variante pela considerada padrão. (SILVA e PAIVA, 1996, p. 348-9)

Silva e Paiva (1996) observam que as mulheres têm se mostrado mais sensíveis à escolarização do que os homens, ou seja, quando mais escolarizadas, elas apresentam mais fortemente que os homens o efeito regulador que esse processo representa. Silva e Paiva (1996, p. 349-50) consideram que isso se dá pela forma diferente como os dois grupos se comportam no ambiente escolar: enquanto as meninas, mais frequentemente, se interessam em serem as melhores alunas, isso não se dá com os meninos, que normalmente se interessam mais pela parte social que a escola traz, o recreio e a camaradagem entre os colegas. Essas variáveis, como se pode supor, interferem conjuntamente nos usos linguísticos, não de forma isolada.

## 2 O estigma

Nesta seção, busca-se entender o conceito e a origem do termo *estigma*, aqui referido, como fator que contribui para o efeito da escola nos usos linguísticos dos que a frequentam.

### 2.1 O estigma: o que é

No dicionário Aurélio (FERREIRA, p. 721), estigma tem diversas acepções, dentre elas ‘1 cicatriz, marca, sinal: *os estigmas* da varíola. 2 sinal infamante; ferrete’. A ideia que esses significados transmitem é de que o estigma é algo negativo, que dura, e que é provocado por algo exterior, que deixa marcado como negativo o elemento alvo desse traço: quem o vê sabe da sua condição.

Segundo Goffman (2004[1981]),

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (p. 5)

No trecho apresentado, nota-se que o estigma faz uma indicação de marcas sociais importantes, que precisam ser informadas ao público. Segundo a autora,

cada sociedade estabelece os critérios para caracterizar as pessoas que nela estão inseridas.

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”. (p. 5)

Tudo o que se espera das pessoas constitui o que, segundo a autora, é considerado normal, de acordo com uma exigência social. O que foge a essa expectativa é o que torna o ser diferente dos outros, ou “menos desejável”. Esse traço não previsto, estranho ao que se considera normal, é o estigma,

especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”. (GOFFMAN, 2004[1981], p. 5)

Para Goffman (2004[1981]), *estigma* estabelece uma relação entre atributo e estereótipo. No dicionário de Aurélio (FERREIRA, 1986), estereótipo é ‘Fôrma compacta obtida pelo processo estereotípico; estereotipia, clichê. (...) 2 Fig. Lugar comum (...)’. (p. 720).

Dessa acepção, percebe-se que o valor de estereótipo é de um molde ou modelo, a partir do qual vários elementos são feitos ou avaliados, o que desvia dele é defeituoso, é estigmatizado.

Pelo que se pode entender, o estigma é construído socialmente a partir de um elemento de classificação do outro, segundo critérios definidos na estrutura da sociedade como modelo, como padrão normal, em estereótipo formado. O estigma é o que se considera fora dos padrões normais, daí o anormal, o feio, o defeituoso. O estigma é, segundo o que se apresenta, algo que lembra ou remete às ‘feridas’ sociais de quem o apresenta.

## 2.2 Qual a relação com o ensino

Na diversidade linguística existente em todas as línguas, há fenômenos variáveis que não separam os mais e os menos escolarizados; os mais e os menos valorizados socialmente. Nesse aspecto, vale tratar dos traços contínuos ou graduais e descontínuos (BORTONI-RICARDO, 2004) que podem ser observados

na variedade do português brasileiro. A diferença entre esses tipos de traços (ou fenômenos variáveis) tem relação com o estigma que os falantes sofrem ao usarem determinadas variantes de alguns fenômenos.

Segundo Bortoni-Ricardo, são contínuos os traços que não distinguem grupos, ou não fazem a distinção entre usos valorizados ou desvalorizados, a exemplo de:

- (1) Vou fazer a tarefa
- (2) Vô fazê a tarefa

Essa variação é presente em todas as regiões e condições sócio-econômicas, não sendo alvo, pois, de qualquer preconceito. Esse é um traço contínuo, pois ele é realizado pelos menos escolarizados e continua a ser utilizado nos outros grupos de escolarização, e por todos os grupos, a depender da situação em que estes se envolverem.

Não é o que acontece com os traços descontínuos, que marcam os grupos. Eles diferenciam as pessoas, que passam a ser avaliadas por serem de um ou de outro grupo, a depender da variante que usem. A escolarização ou o prestígio social nesse caso é a linha de demarcação dos dois usos na sociedade; ao se utilizarem traços específicos dos menos valorizados, o falante sofre o estigma de fazer parte de um grupo valorizado, pouco inteligente, tabaréu, oriundo de periferia etc. Exemplos desse tipo de traços são os seguintes:

- (3) Os homens saíram
- (4) Os home saiu

Os exemplos (3) e (4) referem-se à variação da concordância nominal (os homens/os home $\emptyset$ ) e da concordância verbal (os homens saíram/saiu $\emptyset$ ). Presume-se que quem passa pela escola não realiza o mostrado em (4), mas algo como o que se vê em (3). Esse é, pois, um traço descontínuo (pois não continua a existir nos outros grupos de prestígio ou mais escolarizados). A barreira da escolarização deve impedir ou, pelo menos, causar grande redução nos seus usos, a exemplo do (4). Isso ocorre na comparação entre falares urbanos e rurais. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 53),

(...) Alguns itens são típicos dos falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas.

A escolarização, assim, se concentra em trabalhar a variação que envolve traços descontínuos, não os contínuos, pois sua função deve interferir na fala dos desprestigiados, fazê-los perder traços que são marca de baixo prestígio social, dando a contribuição da escola para isso.

### 3 Alguns estudos sobre a interferência da escolaridade na escolha de variantes em Salvador

#### 3.1 Nós/A gente

A variável Nós/A gente no português brasileiro tem sido muito estudada entre os linguistas, alvo de observação em muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado. A Tabela 1, a seguir, foi retirada da dissertação de Abdon Mendes de Santana (SANTANA, 2014), que utilizou como *corpus* de sua pesquisa o Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador (PEPP) para estudar a variação Nós/A gente.

Ao analisar os resultados, nota-se que a variação não é controlada pela escola, uma vez que os menos escolarizados fazem uso da variante padrão (nós) mais que os que têm mais tempo de escolarização (ensino médio). Essa é uma variação que envolve um traço contínuo, pois a forma *a gente*, a forma inovadora, está sendo usada por todos e mais ainda pelos que têm escolaridade média e menos pelos de escolaridade fundamental, conforme os percentuais distintos do nós 30% (fundamental) e 17% (média), assim como os pesos relativos (.58 e .40, respectivamente).

**Tabela 1** Efeito da escolaridade na escolha de Nós na Variação Nós/A gente no PEPP.

ESCOLARIDADE	N. OCOR / TOTAL	FREQUÊNCIA	P.R.
Ensino Fundamental	76/254	30%	.58
Ensino Médio	33/199	17%	.40
<b>TOTAL</b>	109/453	24%	

Fonte: Santana (2014).

**Tabela 2** Frequência do uso de Nós / A gente em NURC-SSA-LOPES; NURC-SSA-NASCIMENTO; PEPP.

PRONOME	NURC-SSA-LOPES (2013)	NURC-SSA-NASCIMENTO
<i>Nós</i>	63%	51,8%
<i>A gente</i>	37%	48,2%

Na análise da Tabela 2, percebe-se que, conforme estudo de 1993, com dados do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta no Brasil – NURC – da década de 1970, a diferença entre as duas variantes nos falantes do *corpus* de nível superior daquela

década era grande (Nós-63%; A gente – 37%). Já na análise com dados mais recentes com falantes de mesma escolaridade, nota-se uma proximidade entre os usos das duas variantes (Nós – 51,8%; A gente – 48,2%). Isso demonstra que variante inovadora *a gente* tem crescido entre os falantes de nível superior, revelando despreocupação da escola com o uso dessa variante.

### 3.2 Concordância verbal

A concordância verbal é um assunto trabalhado e cobrado em todas as séries da educação básica. A ausência de concordância é um traço descontínuo, muito estigmatizado.

Neste texto, tomamos resultados de estudos de Constância Souza (SOUZA, 2009) sobre a variação desse fenômeno na 3<sup>a</sup>. pessoa do plural em Salvador, utilizando dados do PEPP e do NURC. A Tabela 3 apresenta a análise do condicionamento da escolaridade sobre a escolha da variante de prestígio (com concordância).

**Tabela 3** Condicionamento da escolaridade na realização da concordância verbal em Salvador.

<b>Escolaridade</b>	<b>CV/Total de dados</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
Fundamental (Até 5 anos de escolaridade)	518/1050	49%	.22
Média (até 12 anos de escolaridade)	784 / 1200	65%	.36
Superior (curso universitário)	1036 / 1118	92%	.85

Fonte: Souza (2009).

Os resultados revelam que o efeito do ensino sobre a realização da concordância é grande, o que revela que dá para concluir que esse fenômeno é preocupação efetiva da escola: enquanto os que têm pouca escolaridade fazem a concordância padrão em 49% dos dados, com peso relativo .22, quem tem escolaridade superior o faz em 92%, com peso relativo de .85, o que reflete o intenso trabalho escolar (e com resultados bastante consistentes) sobre a variante desprestigiada.

### 3.3 Concordância nominal

A ausência da concordância nominal padrão entre os elementos do sintagma nominal é alvo de estigma e é um dos traços que definem se o falante é socialmente valorizado ou se faz parte da classe social mais desfavorecida da sociedade. É um

aspecto sempre estudado em todas as séries da educação básica, cobrado nos concursos e observado em entrevistas de emprego. A seguir, apresentam-se resultados sobre o efeito da escolaridade sobre a escolha da variante padrão na concordância nominal.

**Tabela 4** Condicionamento da escolaridade na realização da concordância nominal.

<b>Escolaridade</b>	<b>CN/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
Fundamental	2832/4431	64%	.18
Média	3814/4657	82%	.46
Superior	4605/4817	96%	.82

Fonte: Lopes (2011).

Assim como na concordância verbal, a concordância nominal reflete o trabalho escolar, revelando a preocupação com o distanciamento do fazer desprestigiado do grupo que detém o menor prestígio na sociedade. Dessa forma, a diferença entre a realização da variante prestigiada dos mais e dos menos escolarizados vai de 96% a 64%, respectivamente; os pesos relativos à escolaridade nos dois grupos são, respectivamente, .82 e .18, refletindo o quão importante é a escola no combate à variante não padrão.

### 3.4 Variação na expressão do futuro

Em Santos (2012), as variantes concorrentes de futuro observadas são: futuro do presente, futuro perifrástico e presente do indicativo, a seguir exemplificadas:

- Futuro presente: Então é... como vocês deve sabê, né... que tem aquela coisa do espírito e a coisa da carne. Espiritualmente se num ‘tivé bem, a gente *será* abalado (com o morfema de futuro –RE –).
- Futuro perifrástico: Aí eu *vô gastá* uns cinco mil reais nesse carro. (com auxiliar IR no presente + INF).
- Forma de presente do indicativo: Você *vai* pro seu canto que eu *vô* po meu.

Na observação de Santos (2012), foram encontrados os resultados apresentados na Tabela 5.

**Tabela 5** Resultado geral de frequência das três variantes.

	<b>Forma sintética</b>	<b>Forma perifrástica</b>	<b>Forma de presente</b>	<b>Total</b>
Ocorrências	01	494	108	603
Percentuais	0,1%	81,8%	18,1%	100%



Os resultados revelam que a variante padrão é menos realizada em Salvador. Se não houvesse um número de ocorrências tão pequeno e se não fosse só uma pessoa a realizar o dado com o futuro do presente, o fato de ser uma mulher o informante a usar uma forma em evidente desuso poderia ser um argumento a reforçar as hipóteses sociolinguísticas de que são as mulheres mais sensíveis às imposições sociais. Trata-se de uma informante considerada semialfabetizada, já que cursou as duas primeiras séries do ensino fundamental, com 45 anos de idade, exposta à mídia, com estada de cerca de seis meses fora da comunidade. No levantamento dos dados sociolinguísticos, ressaltou-se que ela é leitora da Bíblia. Essa informação corrobora a interpretação de que se trata de uma forma influenciada pelo discurso religioso.

Observa-se que o efeito da escolarização nos fenômenos não é mesmo:

- (1) A presença de marca de plural em verbos e nomes é muito maior entre os que atingem maior nível de escolaridade, refletindo a preocupação escolar com o combate à forma estigmatizada.
- (2) Em contrapartida, na variação **NÓS/A GENTE**, a forma **A GENTE** (forma inovadora) é mais encontrada entre os que têm escolarização média do que entre os que têm apenas escolaridade fundamental.
- (3) Na concordância nominal, nota-se a preocupação da escola: quanto mais escolaridade, mais concordância.
- (4) Na escolha entre as formas de futuro, o fato de a forma perifrástica não sofrer estigma não nos leva a perceber o trabalho escolar na tentativa de combate a essa forma não padrão.

## 4 Considerações finais

Conforme se viu, é o preconceito sobre os usos linguísticos que rege o ensino; não é o fato de a variante ser ou não padrão, mas o prestígio que ela carrega. A depender da avaliação da variante pela sociedade, ela será alvo ou não do trabalho escolar. Dessa forma, é o preconceito que rege o ensino da língua, o que é mais alvo de discriminação ou do preconceito é que deve constar da lista de assuntos a serem trabalhados.

O que determina, pois, os conteúdos a serem trabalhados é o valor das variantes apresentadas pelos alunos no mercado linguístico (BOURDIEU, 2008[1996]). E o efeito da escolarização está relacionado ao empenho da escola no combate às variantes: aquelas que são mais alvo de estigma, aquelas que demarcam fronteiras entre grupos prestigiados e não prestigiados são ferrenhamente trabalhadas a todo tempo e mais cobradas, e o efeito aparece ao comparar os falantes com níveis de escolaridade diferentes; as que não são estigmatizadas não são preocupação da escola, se constituem em variação que aparece em todos os grupos (etários, de escolaridade etc.), são os traços contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004).

## Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Trad. Micelli et alii. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (Clássicos; 4).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada, 30ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.
- LOPES, Norma da Silva. *A fala baiana em destaque: a concordância nominal*. München: Peníope, 2011.
- NASCIMENTO, Carina Sampaio. *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. Salvador: UFBA, 2013 (Dissertação de Mestrado).
- SANTANA, Abdon Mendes Borges. *Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador*. Salvador: UNEB, 2014 (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Eduardo Pereira. *A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista*. Salvador: UNEB, 2012 (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, Viviane Marcelina da; LOPES, Norma da Silva. A variação do futuro gramatical em Salvador. Recife, 2012. Texto apresentado na SBPC (inédito).
- SOUZA, Constância Maria Borges de. *A concordância verbal na fala de Salvador: duas realidades sociolinguísticas*. Salvador: UFBA, 2009 (Tese de Doutorado).